



TRABALHOS ARQUEOLÓGICOS NO ÂMBITO DA “DEMOLIÇÃO DE PRÉDIO MUNICIPAL NA RUA BERNARDO DE ALBUQUERQUE N.º 16 E RUA DAS PARREIRAS N.º 1 A 7, COIMBRA

Joana Garcia¹

SITUAÇÃO DE REFERÊNCIA

- Localização -

O presente resumo refere-se aos trabalhos arqueológicos efetuados, em 2015, no âmbito da empreitada de “Demolição de Prédio Municipal na Rua Bernardo de Albuquerque, n.º 16 e Rua das Parreiras, n.º 1 a 7”. O local da intervenção localizava-se na freguesia de Santo António dos Olivais, concelho e distrito de Coimbra. Este edifício encontrava-se inserido na Zona Especial de Proteção (Portaria n.º 223/2011. DR, 2.ª Série, n.º 11, de 17-01-2011) do Mosteiro de Celas, classificado como Monumento Nacional através do Decreto de 16.06.1910, DG, n.º 136 de 23.06.1910.



Figura 01 – Localização do espaço em fotografia aérea (<http://www.googleearth.com>)

Estava ainda inserido na área condicionada, no que diz respeito ao Regulamento do Plano Diretor Municipal, na Planta de Ordenamento – Sítios com potencial arqueológico e outros bens imóveis de interesse patrimonial datado de 2014.

- Enquadramento legal –

Os trabalhos arqueológicos enquadraram-se na categoria C, alínea c), do artigo 3.º, do Decreto-Lei n.º 164/2014 de 04 de novembro – Novo Regulamento dos Trabalhos Arqueológicos, que preconiza ações preventivas e de minimização de impactes integradas em estudos, planos, projetos e obras com impacto sobre o território em meio rural, urbano e subaquático. Ressalva-se também o cumprimento da Lei 107/2001 de 8 de setembro.

Todo o trabalho realizado pela equipa de arqueologia respeitou os termos da legislação em vigor. A ação arqueológica foi precedida da obtenção da licença junto da entidade competente e sucedida pelo envio de um documento final.



- Equipa técnica e duração dos trabalhos -

Os trabalhos arqueológicos foram da responsabilidade científica da arqueóloga Joana Garcia, em corresponsabilidade com os arqueólogos Sérgio Madeira e Sílvia Raquel Santos, teve ainda a colaboração da historiadora de arte Luísa Silva, na elaboração do relatório final. A ação arqueológica teve também o auxílio do assistente operacional António Monteiro.

O trabalho arqueológico teve início a 03 de setembro de 2015 e ficou concluído no final de novembro do mesmo ano, ação efetuada em dias intercalados.

- Contexto do património histórico-arqueológico –

Desconhece-se o ano exato da fundação do Mosteiro de Santa Maria de Celas, mas sabe-se que foi fundado por D. Sancha, filha de D. Sancho I, e que será anterior a 1213, pois existem documentos com essa data no Cartório do Mosteiro. Foi erigido no local de Vimarannes, topónimo de origem germânica, proveniente do nome Vimara pertencente ao proprietário dessa área no período visigótico. O Mosteiro, pertencente à ordem de S. Bernardo, permaneceu situado extramuros da cidade de Coimbra, até que a expansão urbanística acabou por o absorver (SILVA, 1981).

O corpo da igreja com planta circular, é em geral atribuído às primeiras décadas do século XVI, momento em que presidia o cenóbio a abadessa D. Leonor de Vasconcelos, no entanto, algumas teorias recentes vêm contestar aquela ideia, remontando o esquema planimétrico do templo praticamente à origem do mosteiro. A outra parcela, que genericamente é atribuível ao momento medieval, é composta pelos capitéis góticos do claustro, mas também sobre eles as opiniões divergem. Contudo, é durante o século XVI que ocorrem importantes campanhas de renovação do mosteiro, nomeadamente no tempo de D. Leonor de Vasconcelos (1521-1541), destacando-se a renovação da igreja, e de D. Maria de Távora (1541-1572), que executou uma tentativa séria de regularizar classicamente e ortogonalmente as instalações conventuais. A última grande reforma do edifício monástico ocorreu no século XVIII, período em que foram efetuadas mudanças de estética e de arquitetura em algumas partes do templo. Finalmente, nas décadas de 30 e 40 do século passado, o mosteiro de Celas foi parcialmente restaurado, tendo-se por exemplo, demolido o que restava do segundo piso do claustro.

A avaliar pelo vasto património que possuía, não só em Coimbra como nos arredores, o Mosteiro teve uma vida de relativa prosperidade (conforme se comprova por documentação do antigo Cartório do Mosteiro, hoje englobado no espólio do Arquivo da Universidade de Coimbra). A extinção das congregações religiosas ocorreu a 30 de maio de 1834, tendo a última freira recolhida no Mosteiro falecido a 15 de abril de 1883 (contudo, nos finais do século XVII, o Mosteiro terá recolhido 120 monjas e igual número de criadas) (SILVA, 1981). A 17 de abril, o Governo tomou conta do edifício e áreas anexas (CORREIA, GONÇALVES, 1947).

¹ Técnica Superior de Arqueologia, Divisão de Reabilitação Urbana, Câmara Municipal de Coimbra

Do lado esquerdo do terreiro que precede o Mosteiro alinhavam-se construções domiciliárias e antigas hospedarias do século XVII (CORREIA, GONÇALVES, 1947) que foram, já no presente século, parcialmente demolidas para instalação de uma moradia privada.

Do lado direito, casas arruinadas e antigas repartições conventuais (CORREIA, GONÇALVES, 1947) deram origem em 1892 à Escola n.º 5 de Celas, a qual perdeu, na transição para o nosso século, a sua função e encontra-se atualmente ocupada pelo Corpo Nacional de Escuteiros CIX – AGR. 109 Santo António dos Olivais.

Quanto à origem do burgo, a sua história é mal conhecida. Originou-se, certamente, em torno do Mosteiro, criando deste modo ruas, largos e becos, nos quais se erguiam habitações (NUNES, 2003: 193). Em 1740 era habitado por uma população de mais de 200 habitantes que “residiam em 62 casas de sobrado e 36 térreas com as suas alfaias e animais domésticos, mediante o pagamento ao Mosteiro, de que eram enfiteutas, dos seguintes foros [...]” (Idem: 194). Neste período, o burgo de Celas com os seus quintais, bem como a sua Cerca estavam delimitados por 25 marcos com a gravação da designação de «Celas» e ainda por um muro alto (SILVA, 1981a: 26), perfazendo uma área de 87.290m². Na zona onde se implanta a Rua das Parreiras a delimitação do Burgo e da Cerca do Mosteiro de Celas, atravessava a artéria e seguia no sentido Este, sensivelmente ao longo da atual Rua Silva Ferreira (Idem: 30). Sendo assim, as habitações em estudo fariam parte integrante daquele Burgo e provavelmente já existiriam no ano de 1740, data do «Auto de Demarcação Deste Lugar do Burgo de Cellas e Circuito Delle» (Idem).



Figura 02 – Delimitação do burgo e cerca do Mosteiro de Celas (Silva, 1981a)



Inicialmente esta zona encontrava-se ligada à cidade, da qual distava cerca de 1Km, por azinhagas, que somente nos inícios do século XX foram convertidas em verdadeiras artérias, como as atuais ruas de Augusto Rocha e Pedro Monteiro (ALARCÃO, 1999: 3).

A Rua Bernardo de Albuquerque assumiu a atual designação a 3 de março de 1904, substituindo o antigo nome de «rua ou estrada de Celas», mas ainda na década de 30 do século XX, era apenas uma vereda ladeada de brejos de silvas, como refere Armando Carneiro da Silva (NUNES, 2003: 195). Sobressai nesta artéria a Fonte de Celas, antigamente apelidada de Fonte d'El-Rei, mandada erguer em 1761, fornecendo água à população de Celas, durante largos anos e a Capela do Senhor dos Remédios datada do século XVIII. Já a Rua das Parreiras parece receber a sua denominação por ter sido ladeada com uma latada de videiras, sendo que em 1740 era bastante populosa (Idem: 198). Para Nascente esta artéria está bastante alterada, sobejando apenas as casas alvo da atual demolição. Os restantes edifícios são fruto de modificações ocorridas ao longo dos tempos, que recuaram cerca de 10m, tornando a rua mais ampla. Esta estrangulava apenas junto às habitações com os números 1 a 5 e 7. A Ponte apesar das muitas transformações mantém-se o traçado correspondente ao século XVIII (SILVA, 1981b: 24).

Na área do Mosteiro de Celas (CNS 14315) foram efetuadas algumas intervenções arqueológicas desde de 1987. Naquele ano foram realizados trabalhos arqueológicos nas proximidades do cenóbio, com vista ao acompanhamento da remoção de entulhos no local em que se instalou uma escola primária. Apesar de não se conseguir identificar concretamente a função ou atribuir uma datação ao edifício, o arqueólogo responsável pela intervenção supôs tratar-se de um celeiro ou armazém.

Nas ações decorrentes da construção do edifício denominado Studio Residence de Celas, foram efetuadas sondagens de diagnóstico, escavação e acompanhamento arqueológico (2005-2006), localizando-se alguns vestígios, designadamente cerâmicas e estruturas. Estes indícios foram enquadrados cronologicamente na Época Medieval Cristã, Moderna e Contemporânea.

No âmbito de uma sondagem (2009) feita na área do antigo Hospital Pediátrico de Coimbra, junto ao Parque de Estacionamento foram identificados alguns sinais de natureza antrópica, nomeadamente estruturas, fragmentos cerâmicos, vítreos e de metais, destacando-se os alfinetes. Esta zona que confina com o Mosteiro de Celas poderia, segundo os investigadores responsáveis pelos trabalhos arqueológicos, relacionar-se com um espaço rural ou periurbano existente anexo ao edifício monástico e fortemente dependente do mesmo (Idem).

Também dentro do largo, Largo de S. Germão, onde se implanta o monumento religioso, foram efetuados trabalhos de sondagem e de acompanhamento arqueológico no sítio designado por Casa do Mosteiro (CNS 21907). O local em questão abarcava uma série de construções resultantes de várias fases edificativas e de remodelação, sobretudo dentro do século XVII, sendo que originalmente albergavam uma hospedaria, um cartório, um palheiro e o mosteiro propriamente dito. Foram ainda identificadas estruturas de caráter funerário, possivelmente relacionados com a necrópole da Capela de Nossa Senhora da Piedade. A intervenção numa 2.ª fase, na zona da capela, pôs em evidência 25 enterramentos, dos quais alguns se encontravam em estado avançado de degradação. Os enterramentos foram datados, hipoteticamente, dos séculos XVI/XVII/XVIII (Idem).



DESCRIÇÃO DOS TRABALHOS

Numa observação atenta ao edificado, quer no interior e no exterior, foi possível verificar que se tratavam de duas habitações anexas, mas distintas, uma mais antiga que incluía o imóvel sito na Rua Bernardo de Albuquerque, n.º 16 e Rua das Parreiras, n.º 1 a 5 e o outro que estava registado com o n.º 7 da Rua das Parreiras. Estas construções não tinham qualquer ligação entre elas, altimetrias diferentes e possuíam quintais distintos.

O imóvel n.º 1 a 5 da Rua das Parreiras/Rua Bernardo de Albuquerque n.º 16 possuía a cave, o rés-do-chão com um pequeno terraço e o 1.º andar. Nas fachadas pontuavam algumas janelas de avental. Para aceder ao imóvel existia uma escada, que estabelecia a ligação entre as entradas (2) e a rua. Os degraus de pedra calcária articulavam-se com um patamar onde se podia aceder à habitação. O patamar estava delimitado por uma grade de ferro, que ficou depositada no estaleiro da Câmara Municipal de Coimbra.

O imóvel da Rua das Parreiras n.º 7 possuía o rés-do-chão e 1.º andar. Um dos vãos do rés-do-chão, aparentemente uma janela, seria uma porta, como se confirmou através de uma sondagem parietal. Através de uma porta existente na fachada lateral esquerda era possível aceder ao quintal situado a sul.



Figura 03 e 04 – Fachada voltada para a Rua Bernardo de Albuquerque e Rua das Parreiras (respetivamente)

A habitação da Rua das Parreiras n.º 1 a 5 tinha um telhado de 3 águas de telha com beirado e sub-beirado para a frontaria e nos restantes lados era visível o uso das telhas em zinco (solução certamente resultante da degradação do telhado). A habitação com o n.º 7 tinha telhado, parcialmente em ruína, de 2 águas.

Cruzando a porta de entrada da casa da Rua das Parreiras n.º 1 a 5 deparava-se imediatamente com umas escadas de vários degraus de acesso ao 1.º piso. A parte superior coincidia um pequeno vestíbulo com 3 portas, uma em frente dava acesso a um compartimento, 2 uma para a esquerda e outra para a direita com 2 aposentos cada. No rés-do-chão, antes da escada, virando à direita seguia-se por um corredor até à cozinha que tinha lareira, previamente à chegada a essa divisão existia uma porta de acesso a um outro corredor, onde se vislumbravam 3 compartimentos distintos. Na cozinha podia aceder-se a um compartimento para Sudoeste e para o quintal. Também existia uma porta para a divisão situada mais a Norte. Devia ser no quintal que se localizava a



casa de banho, uma vez que observando o exterior surgia uma construção mais recente cuja função e natureza foi impossível discernir. Era neste andar que se tinha ligação ao terraço.

A outra habitação estava em elevado grau de degradação, sendo possível apenas perceber a existência de uma escada que ligaria o rés-do-chão com o 1.º piso. Atravessando a porta de entrada via-se a escada e uma porta à direita para onde se desenvolvia a casa na zona do rés-do-chão. Devido ao estado de deterioração não se conseguiu descortinar as áreas concretas da habitação.

Os trabalhos arqueológicos iniciaram-se com a realização de pequenas sondagens parietais nas paredes-mestras, fachadas e divisórias da habitação para perceber os seus paramentos. Assim, apreendeu-se os paramentos dos dois edifícios, embora o n.º 7 estivesse em piores condições.

A nível geral, as paredes-mestras/fachadas eram constituídas por alvenaria de pedra, ou seja, o seu aparelho era irregular com pedras de grandes e médias dimensões em calcário, rematadas nos interstícios por outras de diminutos tamanhos. As pedras estavam interligadas por argamassa de cal, de tonalidade bege, semi-compacta e de grão miúdo. O muro que circunda o quintal da casa com o n.º 7 apresentava uma estrutura idêntica à anteriormente referida, salienta-se, no entanto, a presença pontual de terra na constituição do mesmo. As paredes que dividiam os espaços e limitadas pelas paredes-mestras, ostentavam diferentes tipologias. Verificou-se a existência de paredes em enxaimel, tabique, madeira, platex e também o uso de tijoleira agregada com argamassa de cal.

Na sequência dos trabalhos arqueológicos prévios identificou-se uma fonte anexa ao edifício imediatamente seguinte, Rua Bernardo de Albuquerque n.º 18 a 24, do qual a Câmara Municipal de Coimbra é coproprietária. Aparentemente este elemento arquitetónico terá sido reutilizado no espaço em que se encontrava, um pequeno terraço. Terá sido inserido no local apenas na época de construção do terraço, que parece ser posterior à construção do imóvel. Poderá não se encontrar no sítio original para o que foi erguido.

O espaldar da fonte apresenta-nos uma composição arquitetónica, ladeado de pilastras simples, com um frontão em arco de volta perfeita. O frontão apresenta-se simples, tal como as pilastras que o sustentam, sendo de realçar a sua chave, que se destaca encimada por uma carranca. Nada é legível atualmente na carranca, mas era o local onde por tradição se colocava a data de construção da fonte ou a sua evocação. O espaldar seria provavelmente pintado, pois vislumbram-se ainda vestígios de matiz, possuindo no rodapé 9 azulejos brancos com decoração azul e branco com uma temática vegetalista. Ao centro é visível um orifício para saída de água. A fonte contém uma bacia de receção da água em forma de concha, com uma decoração, embora simples, mais trabalhada que o espaldar. Pelos elementos que a fonte apresenta é, sem dúvida, da segunda metade do século

XVIII, no entanto, os azulejos serão de uma fase posterior e devem enquadrar-se mesmo nos inícios do século XX².

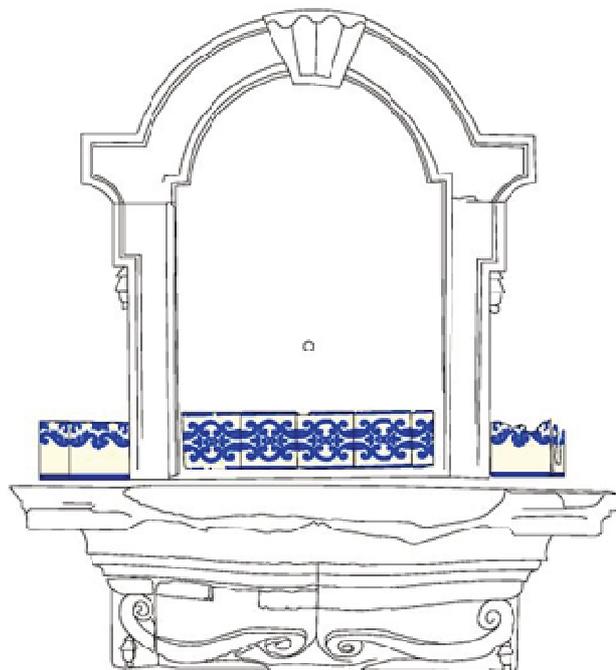


Figura 05 e 06 – Fonte (fotografia e desenho respetivamente)

Neste imóvel registavam-se 2 conjuntos de azulejos, salienta-se, no entanto, o referente a um Santo António. Este tinha uma legenda “1231 + Santo António de Lisboa + 1931”, e foi executado por Licínio e Pereira, sendo proveniente da fábrica do Outeiro, em Águeda. O painel em questão possuía 3 tons diferentes, nomeadamente o azul, o amarelo/alaranjado e o branco. Ao centro figurava a representação de um Santo António com o menino ao colo. Este tipo de painéis é típico do universo da cultura popular da cidade de Coimbra, a partir de meados do século XIX/começos do século XX.



Figura 07 – Painel de Santo António

² Agradecemos ao Professor Doutor Nelson Correia Borges, pelos sábios apontamentos e considerações que teceu, sobre a fonte identificada no âmbito dos trabalhos arqueológicos.



No dia 03 de setembro de 2015 iniciou-se o processo de demolição das duas construções, que ocorreu de Sul para Norte com apoio de uma máquina giratória. Após a demolição seguiu-se o nivelamento do subsolo, tendo aparecido a camada geológica de natureza calcária. Em nenhuma das fases mencionadas surgiram indícios de cariz arqueológico.

MEDIDAS DE MINIMIZAÇÃO

Uma vez que estava a ser desenvolvido, pela Câmara Municipal de Coimbra, um projeto de reabilitação do edifício situado na Rua Bernardo de Albuquerque n.º 18 a 24 (anexa aos imóveis indicados), considerou-se pertinente, relativamente ao painel azulejar com a imagem do Santo António, a proposta da sua reintegração dentro da área que se pretendia revalorizar.

Recomendou-se ainda a articulação do elemento arquitetónico visível nos trabalhos arqueológicos, a fonte, com o projeto a efetivar para o local, que pretendia a recuperação do espaço envolvente ao imóvel.

Conclui-se, lembrando, que uma vez que esta é uma área bastante sensível do ponto de vista arqueológico, novos trabalhos de construção civil no local e área envolvente sejam alvo de acompanhamento arqueológico. Somente desta forma se poderão evitar impactos negativos a nível patrimonial.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os trabalhos de acompanhamento arqueológico possibilitaram um conhecimento mais profundo de dois imóveis situados dentro do antigo burgo de Celas e que muito provavelmente teriam uma cronologia atribuída aos finais da Época Moderna, princípios da Contemporânea. Previamente aos trabalhos de demolição foi efetuado um registo em planta dos imóveis, embora o identificado com o n.º 7 da Rua das Parreiras não tivesse permitido delinear com exatidão as suas áreas, nomeadamente no 1.º piso, dado o seu estado de ruína. Foram ainda realizadas pequenas sondagens parietais nas paredes possíveis, com o objetivo de identificar os paramentos existentes. Esta intervenção possibilitou uma perceção do modo construtivo dos imóveis, revelando que todas as paredes-mestras eram constituídas por um paramento em alvenaria de pedra calcária, enquanto que as divisórias tiveram soluções distintas consoante a época de edificação e a necessidade.

Foi proposto que o painel de azulejos com a figura de Santo António, bem como a fonte, que dada a sua riqueza patrimonial, o primeiro no âmbito da cultura popular e o segundo como uma marca característica da zona (de salientar que a área do Convento de Celas era muito rica em linhas de água), fossem reintegrados, na sequência da re formação do espaço, no novo projeto a desenvolver para o imóvel da Rua Bernardo de Albuquerque n.º 16 a 24.

Fruto da ação de demolição para além das anteriores ocorrências, foi também identificada uma pia, que estaria no quintal pertencente à habitação da Rua das Parreiras n.º 7 e que ficou depositada na Câmara Municipal de Coimbra.

Releva-se ainda a importância da intervenção arqueológica nestes espaços situados em pleno “coração” histórico da urbe coimbrã, que permitiram conhecer melhor a área em que se inserem, bem como a evolução urbanística da própria cidade.



BIBLIOGRAFIA

- ALARCÃO, Jorge (1979). As Origens de Coimbra. I Jornadas de Arqueologia e Arte do Centro. Coimbra. GAAC. 23-40.
- ALARCÃO, Jorge de, (1999), A Evolução Urbanística de Coimbra: das Origens a 1940, Actas do I Colóquio de Geografia de Coimbra em 1996, Nº especial de Cadernos de Geografia: 1-10.
- ALARCÃO (2008). Coimbra: A montagem do cenário urbano. Fundação para a Ciência e a Tecnologia. Centro de Estudos Arqueológicos das Universidades de Coimbra e Porto. Fundação Calouste Gulbenkian. Imprensa da Universidade de Coimbra. Coimbra.
- Anais do Município de Coimbra: 1870 - 1889 (1937). Coimbra – Edição da Biblioteca Municipal.
- Anais do Município de Coimbra: 1890 - 1903 (1939). Coimbra – Edição da Biblioteca Municipal.
- Anais do Município de Coimbra: 1904 - 1919 (1952). Coimbra – Edição da Biblioteca Municipal.
- Anais do Município de Coimbra: 1920 - 1939 (1971). Coimbra – Edição da Biblioteca Municipal.
- Anais do Município de Coimbra: 1940 - 1959 (1981). Coimbra – Edição da Biblioteca Municipal.
- Anais do Município de Coimbra: 1960 - 1969 (2008). Câmara Municipal de Coimbra.
- BORGES, Nelson Correia (1987). Coimbra e Região. Editorial Presença. Lisboa.
- CORREIA, V. e GONÇALVES, A.N. (1947). Inventário Artístico de Portugal - Cidade de Coimbra. Lisboa, Academia Nacional de Belas Artes.
- Departamento de Cultura da Câmara Municipal de Coimbra (2009). Património Edificado com Interesse Cultural - Concelho de Coimbra. Coimbra.
- DIAS, Pedro (1982). A arquitectura de Coimbra na transição do Gótico para a Renascença. Coimbra.
- DIAS, Pedro (1988). Coimbra Arte e História. 2ª.ed. Coimbra, Instituto de História da Arte- F.L.U.C.
- LOUREIRO, J. P. (1952), Anais do Município de Coimbra: 1904-1919, Edição da Biblioteca Municipal, Coimbra.
- LOUREIRO, J. Pinto, (1964), Toponímia de Coimbra, Tomo II, Coimbra.
- MARTINS, Alfredo Fernandes (1940). O esforço do homem na bacia do Mondego – Ensaio Geográfico. Coimbra: 173 – 206.
- MORUJÃO, Maria do Rosário Barbosa (1993). As abadessas perpétuas de Celas (séculos XIII a XVI), Munda, n.º 26. Coimbra: 19-23.
- NUNES, Mário (2003). Ruas de Coimbra. Grupo de Arqueologia e Arte do Centro. Coimbra.
- PINTO, António Nunes (1993). O Mosteiro de Santa Maria de Celas, Munda, nº26. Coimbra: 3-13.
- ROSSA, Walter, (2001) – “Diversidade urbanográfica do espaço de Coimbra até ao estabelecimento definitivo da Universidade”, Tese de Doutoramento apresentada ao departamento de Arquitectura da FCTUC, edição do autor, Coimbra.
- SILVA, José Manuel Azevedo e (1981a), “Demarcação do Circuito do Burgo e da Cerca do Mosteiro de Celas”, Munda n.º 1, Grupo de Arqueologia e Arte do Centro: 25-35.
- SILVA, José Manuel Azevedo e (1981 b). O mosteiro e o burgo de Celas nos meados do século XVIII. Estudo económico e social”, Munda, nº2. Coimbra: 21-34.

Internet (consultada em janeiro de 2016):

- <http://www.cm-coimbra.pt>
- <http://www.googleearth.com>
- <http://arqueologia.patrimoniocultural.pt/>